

## **Educador de creche e constituição subjetiva de bebês: uma articulação**

*Daniela Bridon dos Santos Reis Brandão*

O artigo proposto tem como objetivo discutir sobre o lugar do educador de creche na constituição subjetiva de bebês. A principal hipótese é que o ambiente de creche pode ser subjetivante desde que o educador seja atravessado por um discurso que o sustente nesse enlaçamento com o bebê, discurso esse diferente do que vem organizando a instituição escolar na contemporaneidade, permeado por ilusões (psico) pedagógicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade; Educação; Saúde.

### **Considerações iniciais**

Início este artigo com duas cenas:

*CENA I: Uma educadora de uma sala de Berçário escuta uma criança de 06 meses chorando compulsivamente, durante longos minutos, sozinha no berço, e diz: “Isso é manha, é birra! Ficou assim porque a mãe pegou muito no colo no final de semana! Se a gente fingir que não está escutando, logo ela para!” (sic). Essa fala da educadora se repete a cada choro desse bebê.*

*CENA II: Em outro Berçário, outra educadora, responsável, juntamente com três colegas, por 36 crianças com idades que variam de seis meses a dois anos e três meses, não vê uma criança de 1 ano e dois meses que coloca seu rosto entre a parede da sala e um armário. Sem ser notada, a criança fica nessa posição durante onze minutos e só sai porque chega a hora do almoço e dão por falta dela, pegam-na pelo braço e a põem sentada junto a outras.*

Essas duas cenas foram observadas em dois Centros de Educação Infantil (CEINFs) do município de Paranaíba/ MS, escolas que participaram do *Projeto Avante: avaliação e tratamento de crianças com transtornos globais do desenvolvimento*, construído no interior do curso de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, câmpus de Paranaíba – CPAR/ UFMS. O *Projeto Avante* teve dois objetivos principais. O primeiro: identificar, em salas de Berçário, através dos Indicadores de

Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), bebês que poderiam estar em sofrimento psíquico. Havendo a constatação da ausência de indicadores, fez-se uma proposta de intervenção. O segundo: tratar, na clínica-escola do curso, pelo viés do referencial lacaniano, crianças a partir dos três anos que já apresentam sintomas de estrutura identificados a partir da Avaliação Psicanalítica aos Três anos, o AP3 (KUPFER, M. C. M.; BERNARDINO, L. M. F.; JERUSALINKY, A. N.; ROCHA, P. S.; LERNER, R.; PESARO, M. E., 2008).

Logo nas primeiras observações dos bebês e seu entorno, a posição de algumas educadoras se destacou aos olhos das pesquisadoras, como se pode também observar nas duas cenas aqui descritas. Por um lado, um vínculo intenso entre algumas delas e alguns bebês. Por outro, um silencioso distanciamento marcava o tom dessas relações. Neste mesmo contexto, outra situação se mostrou recorrente: a de que a maior parte das educadoras dirigia mais o olhar e a voz aos bebês que pareciam não responder aos padrões preestabelecidos de comportamento exigidos, em detrimento àqueles que, por algum motivo, não demandavam sua atenção. Esses que não demandavam ficavam, na maior parte das situações, esquecidos nos cantos da sala, sendo lembrados em situações assistenciais, como o banho ou a alimentação. Ainda que essas situações sejam muito profícuas para o estabelecimento do circuito pulsional, o que parecia acontecer eram cuidados com o organismo, com a justificativa explícita de que, como há um grande número de bebês em sala, não se pode “perder tempo com conversas” (sic). Por meio da pesquisa, chegou-se à conclusão que algumas educadoras pouco ou nada fazem para que alguns bebês se enlacem, seja com o adulto, seja com outra criança. Desencontram-se quando devem “sustentar, no lugar do Outro, um desejo e uma presença capazes de permitir ao sujeito aí se apoiar para se constituir” (CRESPIN, 2005, p. 105).

Esse quadro nos levou a, muitas vezes, deslocarmos nossa discussão dos bebês e seus indicadores presentes ou ausentes, para o lugar que esse educador, frente à constituição psíquica da criança, se posiciona. Mais ainda, sua possibilidade – ou não – de fazer laço com ela. Assim, o IRDI foi tornando-se, mais do que uma referência para ler o bebê e seu entorno, um instrumento precioso para identificar riscos do lado do educador em sua tarefa de enlaçar-se e, como efeito, constituir nele uma demanda onde só poderia haver, de início, uma necessidade.

Rosa Maria Marini Mariotto, em sua tese “Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês”, defendida em 2007 no IPUSP e publicada em 2009 em livro com o mesmo título, procurou formalizar o modo de participação do cuidador

de creche no desenvolvimento e subjetivação de bebês. Como consequência, identificou de que posição discursiva o educador opera em seu trabalho, e sua conclusão foi que, ao contrário do senso comum, esse educador pode desempenhar, dependendo da situação, da posição que ocupa e de sua implicação em seu ato, tanto a função materna quanto a paterna. Efeitos se desenrolam a partir da especificidade de cada situação. Por exemplo, ao receberem os bebês na creche, “as educadoras se introduzem de imediato como agentes de uma separação primordial, operando mais na condição de terceiro para a mãe do que seu suplente” (MARIOTTO, 2009, p. 09). Neste caso, se há maternagem exercida pelo educador, esta não se efetua sem que a autoridade delinheie sua tarefa. A questão que se impõe aqui é que parece que se espera do bebê que ele renuncie a algo que ainda não se estabeleceu, já que o primeiro momento lógico de sua constituição psíquica ainda está se instituindo. Como coloca Infante (2000), o momento da vida de zero a seis meses caracteriza-se pela pilotagem, por parte da figura materna – ou daquele que ocupa o lugar de Outro Primordial para o bebê – da inscrição pulsional.

Assim, no *Projeto Avante* constatamos alguns resultados, concordando com pesquisas recentes referentes à mesma temática. Fundamentalmente, verificamos que o educador de creche tem lugar junto à constituição psíquica dos bebês. Percebemos isso graças à fertilidade do Protocolo IRDI que possibilita a averiguação de sinais de risco na construção da subjetividade. E, neste sentido, levantamos a hipótese de que o ambiente de creche pode se tornar subjetivante, mas que, para tanto, o educador deve ser atravessado por um discurso que o sustente nesse enlaçamento com o bebê, discurso esse diferente do que vem sustentando a instituição escolar na contemporaneidade, permeado por ilusões (psico) pedagógicas, como já apontou Leandro De Lajonquière em 1999. Lacan, em 1968, esclarece que “é suficiente que um ser leia seu traço, para que ele possa reinscrevê-lo em outro lugar que não ali de onde ele o trouxe. Essa reinscrição é o vínculo que o torna dependente, a partir daí, do campo da linguagem” (LACAN, 1968, p. 304).

A nosso ver, dois caminhos se abrem na construção de um trabalho com educadores de bebês: um, atravessado pelo ideal pedagógico, discurso tão caro à contemporaneidade, que prima pelo anonimato, pela generalização e, conseqüentemente, pelo esvaziamento da subjetividade. Ou outro, permeado por marcas simbólicas, que permitam o sujeito advir como um ser de linguagem. O primeiro caminho é tomado por todos aqueles que, contrários à afirmação de Freud da impossibilidade da educação, creditam ao saber e à técnica verdades absolutas passíveis

de serem ensinadas e, conseqüentemente, aprendidas. O segundo caminho é o que se apóia nesse artigo: construir um espaço de escuta com os educadores que leve em conta os limites e as possibilidades de um exercício que faz apelo constante às suas subjetividades. “A perspectiva de formação a que nos referimos é, portanto, orientada por uma ética e não por uma técnica; é, ao mesmo tempo, pessoal e profissional, na medida em que essas dimensões se enlaçam mutuamente” (ALMEIDA, 2011, p. 28). Nas palavras de Cifali, é necessário constituir “um espaço onde uma prática procura se teorizar partindo de uma situação singular e da implicação daquele que nela é compreendido como profissional” (CIFALI, 1998, p. 286).

Como buscamos acessar o primeiro momento lógico da constituição subjetiva, ainda que em âmbito extra-familiar, torna-se fundamental nos atermos a um lugar elucidado por Lacan, piloto desse momento: o Outro Primordial que, encarnado em um pequeno outro, enlaça o filhote humano a partir de sua absoluta dependência ao nascer. A teoria do significante de Jacques Lacan explicita essa insuficiência na medida em que atribui ao Outro – grafado com maiúsculo para diferenciar do outro da realidade física – a função de articular o corpo do sujeito à sua erogeneidade.

### **O Outro Primordial**

*Afinal, é do enxame significante produzido no campo do Outro,  
em que o ser vivo está imerso, que surge o lugar prévio  
do sujeito como efeito da linguagem.*

Angela Vorcaro

O autoerotismo, termo escolhido por Sigmund Freud para designar uma vivência sexual relacionada à infância na qual a criança procura encontrar prazer consigo mesma, dá as bases para a convergência das pulsões parciais, relacionadas a zonas erógenas – e que, portanto, culminam em um corpo fragmentado e não unitário – em pulsão sexual. Embora as zonas erógenas, singulares e não demarcadas naturalmente, sejam dispersas em seu alvo sexual próprio, ou seja, o prazer genital, elas encontram-se desde o início dependentes de uma exterioridade para sua constituição. Essa exterioridade remete a ações empíricas, puramente físicas, de cuidados maternos, ou refere-se a um lugar simbólico, sustentado por atos inconscientes, já que esse cuidador – seja mãe ou outro sujeito que sustenta essa posição – também é um sujeito portador de desejo?

No decorrer da construção metapsicológica freudiana, principalmente a partir de 1915, a erogeneidade passa a ser concebida como atributo de todas as partes do corpo.

Freud caminhava em direção à concepção de um corpo fantasmático, onde a subjetividade – ou, em uma palavra, o inconsciente – dava as bases para qualquer desenvolvimento anatomofisiológico. De acordo com a teoria freudiana, os aparatos neural, anatômico e fisiológico – existem enquanto realidade material, muito embora suas simples existências não garantam seu desenvolvimento.

Um homem, antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica, a qual fundou a linhagem antes que nela se bordasse a história; deve-se habituar à idéia de que é em seu próprio ser, em sua personalidade total (...) que ele é efetivamente apanhado num todo, só que à maneira de um peão, no jogo do significante, e isso desde antes que as regras desse jogo lhe sejam transmitidas (...). Essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma de inconsciente (LACAN, 1956, p. 471).

Para Lacan, “o desenvolvimento só ocorre na medida em que o sujeito se integra ao sistema simbólico, aí se exercita pelo exercício de uma palavra verdadeira” (LACAN, 1956, p.104). Assim, a base do psiquismo está totalmente dependente do investimento pulsional, e este, por sua vez, sustenta-se em representações de desejo, advindas de uma exterioridade. Essa intervenção é o que determina a nomeação das necessidades mais básicas da criança, não bastando que a mãe exerça a função de cuidadora de seu filho, mas que se relacione com ele como uma mulher, possuidora de desejo, e o coloque neste lugar de posse, como um objeto de desejo. Colocando-o neste lugar, os mesmos cuidados que uma mãe cuidadora necessita cumprir para manter a vida de seu filho não passam somente pelo autoconservativo, porque a mãe não quer apenas manter a vida, mas fazê-la gozar e ser o agente desse gozo. E é justamente esse desejo da mãe que instaura o desejo na criança, fundando suas zonas erógenas.

A questão que se impõe é: o que é imprescindível portar nessa relação para que o corpo do bebê torne-se sujeito, ou seja, para que a pulsão sexual instaure-se e organize seu corpo em zonas erógenas? O que faz com que a necessidade do corpo se constitua em uma demanda do sujeito? “Precisa do Outro para sobreviver. Outro Primordial que nos gritos do bebê interpreta fome, frio, desconforto, vontade de aconchego” (TEPERMAN, 2005, p. 114). Neste sentido, em primeiro lugar, é preciso conceber o desejo como estando externo à criança, preexistindo a ela. É preciso que esse desejo esteja encarnado em alguém para que atos possam portá-lo e, dessa maneira, atuar junto ao corpo, ao real, dando lugar à pluralidade das pulsões parciais.

Dessa maneira, a insuficiência orgânica e psíquica da criança ao nascer confronta a mesma com um mundo anterior a sua própria existência, mundo esse encarnado por significantes da cadeia simbólica do Outro. Diante dos significantes do Outro, enigmáticos e traumáticos, à criança resta o assujeitamento ao desejo do Outro. Laznik (1997) pontua que o circuito pulsional é instaurado em três tempos e marca a passagem do corpo ao desejo. O primeiro tempo é caracterizado pela procura da criança por um objeto fora de si. No segundo tempo, a criança olha para si, se busca, marcando sua capacidade autoerótica. E o terceiro tempo caracteriza o fazer-se olhar, em buscar o olhar do Outro na sua dimensão de desejo. É nesse momento que a criança se assujeita ao Outro, mas não de forma passiva. “Vemos aí que a passividade do bebê neste terceiro tempo do circuito pulsional é apenas aparente. É muito ativamente que ele vai se fazer comer por este outro sujeito, para o qual ele se faz, ele próprio, objeto” (LAZNIK, 1997, p. 43).

No nosso caso e no da psicanálise desde sempre, tratam-se de transbordamentos sexuais que ultrapassam o sentido das palavras e demarcam libidinalmente o corpo, inscrevendo a criança, através desse registro simbólico, em um circuito pulsional. Assim, não são os cuidados puramente físicos que instauram a pulsão sexual. O que a instaura é um processo também sexual, que arrebatou seu corpo e a deixa, neste primeiro momento, à mercê desse processo e, portanto, alienada dele.

Esse processo de simbolização depende do Outro que, desejante da criança, engendrou-a ou adotou-a para que ocupe um lugar em sua cadeia significativa. Essa criança é tida, buscada, para suportar em seu corpo as marcas que esses pais precisam traçar para que eles próprios se sustentem como sujeitos (JERUSALINSKY, 1986). Neste sentido, o momento inaugural da vida psíquica refere-se menos a uma relação entre os sujeitos – dada a prematuridade da criança ao nascer – e mais a uma sedução de um sujeito – o adulto – por outro – a criança.

Para formalizar este primeiro momento de estruturação subjetiva do sujeito humano – que inclui os três tempos da instalação do circuito pulsional na criança – Lacan concebeu o conceito de estágio do espelho, elaborado pela primeira vez em 1936, com o objetivo de explicar a instalação do primeiro esboço do eu.

O estágio do espelho é um drama cujo alcance interno se precipita da insuficiência para a antecipação e que, para o sujeito, tomado no equívoco da identificação espacial, urde as fantasias que se sucedem

de uma imagem esfacelada do corpo para uma forma que chamaremos de ortopédica de sua totalidade (LACAN, 1936, p. 97).

O Outro, portanto, fica referido ao “lugar da cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito” (LACAN, 1988, p. 193). Dessa maneira, para advir ao campo do humano, o sujeito necessita advir ao campo do simbólico, e para isso terá que se constituir na relação com a linguagem através de um outro que o encarna em seus atos, denominado, por Lacan, de Outro primordial. “Este Outro Primordial descarrega o termo ‘mãe’ de ser seu único representante, convocando qualquer um que se torne, na composição da receita subjetiva, ingrediente essencial para a criança” (MARIOTTO, 2007, p. 03). É possível, então, que outros que não a mãe se engatem nesse lugar e exerçam uma continuidade da função materna?

### **Os outros possíveis**

*O bebê é um signo material que precisa que a linguagem incida nele, circule em torno dele, dando-lhe posições e vizinhanças diversas até que daí se destaque um sujeito.*

Angela Vorcaro

Uma vez que esse Outro é um lugar que não coincide com o outro da realidade, é possível que seja exercido por um cuidador que não a mãe, especialmente quando esta não pode sustentar um desejo na relação com a criança? “Geralmente a mãe é a primeira a encarnar o Outro para o bebê. Mas não necessariamente e nem sempre é ela quem ocupa este lugar e o fundamental não é que seja a mãe, mas que alguém desempenhe essa função” (TEPERMAN, 2005, p. 119).

Aproveitando-se de sua função, a educadora de creche, que na contemporaneidade convive, muitas vezes, mais de oito horas por dia com as crianças, pode se intrometer na constituição psíquica do bebê, especialmente quando o Outro Primordial não pode advir? “A transmissão das marcas que permitem um sujeito situar-se numa linhagem e filiação será dividida ou até mesmo transferida para aqueles que se ocuparem dos bebês” (MARIOTTO, 2007, p. 03). Já que “a criança moderna [é] uma criança indissolúvelmente ligada ao escolar, que lhe atribui o lugar social, a inserção social, é o que a constitui, o que lhe dá identidade” (KUPFER, 2007, p. 36), é possível estar a educadora de bebês no lugar do olho que olha e não apenas vê?

A questão é que para tornar possível esse encontro, é necessário que o educador de creche se enlace a partir de sua subjetividade – aliás, não há outra possibilidade. Como afirma Almeida, é preciso que o educador possa

Suportar subjetivamente a angústia de uma posição discursiva que implica renunciar à onipotência narcísica e aos ideais de grandeza e de perfeição, em fazer semblante de saber, ocupando o lugar do Mestre [...], de Mestre barrado, para que o ensino e a transmissão sejam possíveis e realizáveis (ALMEIDA, 2002, p. 105).

Possibilitar essa introdução da posição discursiva do Mestre barrado na implicação do educador de creche com o bebê é intervir preventivamente, de modo a possibilitar que mínimas condições para a emergência do psiquismo estejam presentes. Para além desse sentido de vir antes e tomar a dianteira, não há garantias. Em conformidade com as idéias de Mariotto (2009) e de Vorcaro (2010), a prevenção, no sentido da proposta deste trabalho, não é técnica, mas ética, pois visa a antecipação de um futuro, ainda que somente *a posteriori* se poderá verificar seus efeitos.

### **Considerações finais**

Pensando nessas questões, tão atuais e que recolocam a subjetividade e o sujeito do inconsciente no cerne dos laços humanos, estamos desenvolvendo um projeto de doutorado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, orientado por Maria Cristina Machado Kupfer. Nosso objetivo é investigar se a escuta de educadores de creche, bem como o acompanhamento de suas intervenções junto ao bebê, pode produzir efeitos na posição subjetiva dos educadores. Por meio dessa escuta, pretendemos observar o laço entre educador e bebê, observação essa referenciada no IRDI. Nossa proposta, portanto, é tentar garantir que educadores de berçário de fato se impliquem com a constituição subjetiva dos bebês. Os indicadores, sustentados por seus quatro eixos, também se revelam “um instrumento de leitura da qualidade do desempenho do educador, lançando um novo olhar ao seu trabalho” (MARIOTTO; BERNARDINO, 2009, p. 05).

Esta pesquisa tem uma intenção preventiva, ainda que não corresponda à demanda social de intervir a tempo de evitar o indesejável, como discute Angela Vorcaro em seu artigo “Urgência subjetiva do neonato em UTI” (2010). A prevenção não se baseia na adivinhação de um sintoma, mas na “articulação das noções lacanianas de antecipação e de pressa como temporalidades que contribuem para o debate sobre a

prevenção” (FERNANDES apud VORCARO, 2010, p. 05). É dessa forma que o trabalho clínico com as educadoras – no sentido de escutar o profissional enquanto um efeito de sua dimensão subjetiva – pode ser mais efetivo do que as práticas que se sustentam na técnica como garantia de cientificidade (VORCARO, 2010).

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. F. C. Dispositivos clínicos de orientação psicanalítica na formação de professores: entre o cuidado, o ensino e a transmissão. In: *A Psicanálise e o trabalho com a criança-sujeito*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. Psicanálise e Educação: revendo algumas observações e hipóteses sobre uma (im)possível conexão. In: *Anais do III Colóquio do LEPSI*. São Paulo: IPUSP, 2002.

CIFALI, M. (2004). *Analyse de pratique: Approche psychanalytique et historique*. Genebra: Universidade de Genebra, Cours ES catedra 2003/2004 (seminário de 2 de junho de 2004).

CIFALI, M. (1998). *Le lien éducatif: contre-jour psychanalytique*. Paris: PUF.

CRESPIN, G. *La prévention au quotidien: l'histoire de Julien*. In : CRESPIAN, G. (org.). *Cahier de Préaut, 2 : Psychanalyse et neurosciences face à la clinique de l'autisme et du bébé*. Paris: l'Harmattan, 2005.

INFANTE, D. P. O Outro do bebê: as vicissitudes do tornar-se sujeito. In: Cláudia F. Rohenkol (org.). *A clínica com o bebê*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

JERUSALINKY, A. *Psicanálise e desenvolvimento infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1986.

KUPFER, M. C. M.; BERNARDINO, L. M. F.; JERUSALINKY, A. N.; ROCHA, P. S.; LERNER, R.; PESARO, M. E.. A pesquisa IRDI: resultados finais. In: *Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa*. São Paulo: Escuta, 2008.

KUPFER, M. C. *Educação para o futuro: Psicanálise e Educação*. São Paulo: Escuta, 2007.

LACAN, J. *O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 4: A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1956.

\_\_\_\_\_. *Escritos (1936)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 7: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1959.

LAJONQUIÈRE, L. *Infância e ilusão (psico) pedagógica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

LAZNIK, M. C. Poderíamos pensar em uma prevenção da síndrome autística? In: *Palavras em torno do berço*. Coleção Calças Curtas. Salvador: Ágalma, 1997.

MARIOTTO, R. M. M. *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta, 2009.

\_\_\_\_\_. A função do educador de creche no desenvolvimento e educação de bebês em creche. In: *Anais do VII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE*. Curitiba: Champagnat, 2007.

MARIOTTO, R. M. M., BERNARDINO & L. M. F. Detecção de riscos psíquicos em bebês de berçários de centros municipais de educação infantil de Curitiba. In: *Anais do IX congresso nacional de educação – EDUCERE*. Curitiba: Champagnat, 2009.

TEPERMAN, D. W. *Clínica Psicanalítica com bebês: uma intervenção a tempo*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

VOLTOLINI, R. Poder, impotência e impossível no discurso pedagógico. In: *A Psicanálise e o trabalho com a criança-sujeito*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

VORCARO, A. Urgência subjetiva do neonato em UTI. In *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 13, n. 4, dezembro 2010, p. 617-634.

\_\_\_\_\_. Linguagem maternante e língua materna: sobre o funcionamento lingüístico que precede a fala. In: *O bebê e a modernidade: abordagens teórico-clínicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

\_\_\_\_\_. *Crianças na psicanálise: clínica, instituição, laço social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.